



CONTRIBUIÇÕES PARA A ABORDAGEM DA DIMENSÃO PSICOLÓGICA DOS GRUPOS

CONTRIBUTIONS TO THE APPROACH OF GROUPS' PSYCHOLOGICAL DIMENSION

Denize Bouttelet Munari

*Gessilda de Carvalho Padilha***

*Kátya Alexandrina Matos Barreto Motta****

*Marcelo Medeiros*****

RESUMO: O conhecimento e domínio do trabalho grupal têm se tornado cada vez mais importantes para os profissionais da área de saúde, especialmente diante das diretrizes das políticas de saúde que privilegiam esse enfoque no cuidado humano. O objetivo deste artigo de revisão foi discutir a dimensão psicológica dos grupos baseada em uma tríade: estrutura psicossocial, processo de comunicação e conteúdo. Esse exercício permitiu um olhar aprofundado para fenômenos que ocorrem no interior dos grupos humanos, de modo a identificar movimentos e indicadores para uma abordagem mais precisa do coordenador diante das necessidades das pessoas que compõem os grupos nos quais atuamos freqüentemente na atenção em saúde.

Palavras-Chave: Estrutura de grupo; processo grupal; recurso humano em saúde; enfermagem.

ABSTRACT: The knowledge and dominium on group work is becoming more and more important to health professionals, especially in face of the health policy guidelines which privilege the focus on human care. The purpose of this review paper was to discuss the psychological dimension of groups based in a triad: psychosocial structure, communication process and content. This exercise allowed a deep look at the phenomena that occur inside human groups, in order to identify movements and directions for a more precise approach of the coordinator towards the group members' needs, upon which we frequently act in health attention.

Keywords: Group structure; group process; health human resources; nursing.

INTRODUÇÃO

A importância do grupo no desenvolvimento do ser humano é incontestável e precede a própria organização do homem na resolução de problemas como sua moradia ou como fazer fogo¹. O avanço desse conhecimento no século 21, designado como o advento da era da grupalidade², tem ressaltado o aspecto singular que o grupo ocupa no contexto da sociedade moderna.

Nesse sentido, é indispensável que estejamos atentos a esse movimento, como forma de

potencializarmos nossas ações, haja vista a importância da qualificação do profissional enfermeiro para o trabalho grupal, aspecto destacado no perfil desse profissional nas Novas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Enfermagem³. O avanço e aprimoramento dos pressupostos teórico-vivenciais sobre os grupos e a compreensão sobre o processo grupal potencializa a prática da enfermagem e, enquanto ferramenta, oportuniza melhorias na gestão do desempenho do trabalho em enfermagem e em saúde⁴⁻⁷.

O estudo da dinâmica de grupo, ou seja, dos fundamentos e movimentos do grupo humano, como técnica e ciência, pode viabilizar uma aplicação mais consistente dessa ferramenta em atividades educativas e assistenciais na busca pelo desenvolvimento de diversas competências dos participantes. Sejam estas com o conteúdo de caráter intra, inter, transpessoal, grupal ou organizacional é importante que seja ressaltada a importância do objeto de trabalho da enfermagem na promoção da saúde e do bem-estar daqueles que são sujeitos do seu cuidado.

A participação do enfermeiro em atividades grupais, quer sejam assistencial ou gerencial, não pode mais ser concebida como uma escolha daqueles que se julgam pessoas cujo talento favorece esse tipo de atividade ou de que tem por motivação a busca do estudo desse fenômeno da vida humana. Na realidade, a própria dinâmica do trabalho em enfermagem vem exigindo cada vez mais a inserção direta do enfermeiro nesse tipo de atividade, além de ser também uma exigência de um movimento que ultrapassa nossas fronteiras e nos impõe a uma ação cada vez mais centrada no coletivo.

Na atualidade, o conhecimento sobre esse fenômeno tem se tornado uma ferramenta valiosa e imprescindível para profissionais de diversas áreas na busca por atingir objetivos, realizar tarefas, identificar lideranças, obter coesão, resolver conflitos e tensões⁸.

Na enfermagem brasileira, especificamente, o investimento no estudo dos grupos, seus movimentos e natureza ainda são restritos a aspectos técnicos e não processuais, embora seja evidente a importância de melhor utilizarmos essa tecnologia na assistência, ensino e pesquisa⁹. Assim, entender o grupo não apenas naquilo em que é objetivo, aparente e perceber o que permeia sua dimensão psicológica é fundamental para desenvolvermos competências para compreender a complexidade e a amplitude dos fenômenos intersubjetivos que florescem das interações nos grupos, assim como para potencializar nosso papel como coordenador desses grupos.

Para Enriquez¹⁰, o coordenador de grupo representa para cada participante um ideal imaginário daquilo que ele é, ou deseja ser, ou busca fazer. O coordenador ocupa o lugar que fomenta imagens de reconhecimento e identificação mútua, que perpetua os tabus e contribui para a construção e/ou transformação das atitudes coletivas. Nesse sentido, Andaló⁸ alerta que a função do coordenador do grupo, independente da sua formação e da finalidade da atividade, está muito além da simples aplicação

de uma técnica. Para a autora, a equipe de coordenação deve exercer papel de

[...] interlocutora qualificada, na medida em que dispõe de conhecimentos específicos, que lhe permitem funcionar como desafiadora do grupo em direção ao seu crescimento e superação de seus impasses e dificuldade^{8:133}.

Portanto, quanto mais o enfermeiro, bem como os profissionais de saúde de modo geral, se apropriarem de conhecimentos que garantam uma atuação mais competente no manejo dos grupos, mais estarão potencializando os benefícios do grupo no contexto do trabalho em saúde.

Assim, é objetivo deste artigo de revisão discutir alguns pressupostos da dimensão psicológica dos grupos conforme proposta por Maré¹¹, articulado com outros estudiosos sobre o tema. Segundo esse autor, a abordagem psicológica do grupo deve ser baseada em uma tríade: estrutura psicossocial, processo de comunicação e conteúdo (ou padrão de significado), a qual nos possibilita um olhar aprofundado para fenômenos que ocorrem no interior dos grupos humanos. Esse movimento nos permite apreender aspectos fundamentais não só para a compreensão do que se passa nos grupos, mas nos oferece pistas de como intervir adequadamente para diminuir as áreas de conflito e falhas na comunicação, bem como para otimizar as relações interpessoais.

A DIMENSÃO PSICOLÓGICA DOS GRUPOS

Para entender o grupo é fundamental compreender todos os aspectos que interferem na sua dinâmica. O exercício proposto no presente trabalho foi elaborado a partir da contribuição de Maré¹¹, por meio de sua obra *Perspectivas em Psicoterapia de Grupo*, que destaca a possibilidade de compreender os grupos em suas diversidades humanas a partir de quatro perspectivas: filosófica, antropológica, sociológica e psicológica. No presente artigo, focamos a abordagem psicológica que, como já dito anteriormente, é desenhada a partir de uma tríade composta pela estrutura psicossocial, processo de comunicação e conteúdo ou padrão de significado. A gênese dessa tríade foi concebida a partir de elementos da filosofia e da teoria geral de sistemas que nos auxilia na compreensão dos fenômenos grupais. Com essa competência é possível identificar com mais exatidão as forças que gravitam no interior dos grupos, bem como potencializar os elementos positivos ou aperfeiçoar os negativos¹¹.

De igual forma, a sociologia, a teoria de campo social e a dinâmica do pequeno grupo de Lewin¹² influenciaram, sobremaneira, o modo como observamos os fenômenos grupais hoje, na abordagem psicológica, que teve ainda a contribuição da psicanálise, do psicodrama e da *gestalt* que nos oferece pistas nessa tarefa de desvelar os movimentos presentes no grupo, do ponto de vista psicológico. Essas contribuições foram moldando

[...] nossas atitudes, refletindo-se na adoção do papel relativamente não diretivo do condutor, na focalização da discussão livre, na moldagem de nossa compreensão e interpretações e, dirigindo nossa atenção à situação total das constelações das figuras de fundo^{11,65}.

Essa postura permite a observação de que as forças grupais podem funcionar como agentes terapêuticos primários, estando presentes em qualquer tipo de grupo, o que sugere que, independente de um grupo funcionar com finalidade psicoterápica, alguns fatores terapêuticos estarão sempre presentes¹³⁻¹⁵. Daí a importância de conhecermos esse fenômeno para melhor utilizar essas forças, para o crescimento e desenvolvimento dos membros dos grupos e dele mesmo como uma entidade em si. As premissas teóricas desse trabalho enfatizam o aqui-agora, sempre centrado no que está sendo vivenciado, experimentado e desvelado no momento pelo grupo. Essa abordagem possui como metodologia a educação de laboratório que pode ser aplicada em grupo de treinamento, de desenvolvimento intra, inter e grupal, de aconselhamento e outros cujo objetivo do trabalho requer uma intervenção terapêutica.

Embora a obra em discussão¹¹ tenha sido concebida no enfoque dos grupos psicoterápicos, é indiscutível a relevância que a compreensão da abordagem grupal representa hoje no contexto do trabalho em saúde, em particular sua dimensão psicológica, já que esta é presente em qualquer tipo de grupo. A apropriação desses conceitos pode servir aos profissionais para melhor compreender os desafios da sua condução.

Estrutura

A estrutura é determinada pela constituição espaço-temporal do próprio grupo como o tempo previsto, a disposição dos lugares, as atividades iniciais, as metas, a agenda de horário e data, a frequência dos encontros, o contrato psicológico construído pelos seus membros, as normas e as regras. Enfim todos os elementos estáveis do grupo ou constantes que fornecem base para a formação do grupo. É a partir dessa estrutura que se organiza todo o movimento

grupal que parte de uma proposta do coordenador ancorado na sua concepção e formação teórica. Ao contrário do que possa parecer, a estrutura não diz respeito exclusivamente aos elementos mutáveis externos à coordenação, mas constitui-se também na ação do próprio coordenador¹⁴.

Tubert-Oklander e Champion-Castro¹⁴ denominam esses elementos como constantes e, ao discutirem essa questão, ressaltam que estas podem ser teóricas que são as competências do coordenador, as funcionais que se referem aos papéis assumidos durante o funcionamento do grupo, as temporais que se relacionam à duração, ao ritmo e à frequência dos encontros, as espaciais e a pessoa do coordenador com seu estilo, trejeitos, ética, ideologia, cultura, crenças e princípios que transparecem em sua ação teórico-prática.

Para Maré¹¹, é a partir da estrutura do grupo que se organiza todo o movimento do conjunto, que parte de uma proposta do coordenador que oferece a instalação, manutenção e reinstalação do enfoque grupal. A formação e concepção teórica que o coordenador tem sobre o grupo e sua tarefa irão delinear o trabalho. Nesse sentido, ao contrário do que possa parecer, a estrutura ou enfoque não dizem respeito apenas aos elementos não mutáveis externos à coordenação, mas é também alicerçada pela ação do próprio coordenador com todo o seu respaldo técnico-científico e humano^{8,10,12,16-18}.

O contexto objetivo e subjetivo em que o grupo funciona influencia, impulsionando ou restringindo, o clima grupal. O clima predominante pode mobilizar os indivíduos para que se integrem, participem e cooperem, assim como pode fragmentar, mobilizar ou paralisar os processos de comunicação. Por essa razão, a estrutura deve ser consolidada, continuamente, para fortalecer e desenvolver a matriz do grupo, que se constitui em sua própria gênese, o núcleo do processo grupal^{15,18}.

O comportamento do coordenador de grupo diante da estrutura estabelecida deve ser, o quanto possível, de modo não diretivo trabalhando o material que emerge do grupo, sem preconceito, também sempre que possível. A estrutura adequada, inclusive no que diz respeito ao número de integrantes do grupo, que não deve colocar em risco as condições de comunicação entre os seus membros e a postura do coordenador, permite que os temas surjam e seu conteúdo indica o manejo das situações trazidas.

Considerando que estamos falando da gênese do processo grupal, é fundamental o entendimento de que para que o grupo se estabeleça, mesmo consi-

derando o nível ainda incipiente das relações, é mister o estabelecimento de um clima capaz de promover a interação emocional livre e espontânea, o que pode apontar ao coordenador pistas da sua relação com ele. Nessa fase é inevitável ao coordenador definir

mais ou menos consciente, seu papel no grupo, o papel dos membros e o tipo de relação que deverá se desenvolver no grupo, assim como a tarefa do grupo^{14:149}.

Para chegar a esse estágio grupal, é preciso que o coordenador possibilite o relaxamento das defesas no interior do grupo, que facilita a manifestação e a transposição dos papéis na dinâmica grupal. Ao final desse momento de estruturação do grupo, definido seu enfoque, os membros acabam por se entregar à tarefa de identificar, expor, formular, explorar, refletir e propor resolução sobre a problemática que os trouxe ao grupo, enquanto o coordenador intervém cada vez menos ao longo dos encontros¹⁴.

Processo

A partir do estabelecimento dessa primeira etapa, o grupo passa a desenvolver a fase de processo que, segundo Maré¹¹, é caracterizado pelo movimento dos sujeitos em direção à ação, interação, nos processos dinâmicos de comportamento ou relação e de comunicação, dos rituais, dos colóquios, das articulações e construção de correntes de diálogos interpessoais. É nesse ponto que as pessoas passam a se comunicar e corresponder, colocando em funcionamento o nível transpessoal de comunicação. Aqui o papel do coordenador é ajudar o grupo a construir sua matriz, que, embora complexa, possibilita a socialização e a humanização, buscando sua individualização. É nesse ponto que as pessoas passam a se comunicar e a se corresponder, vivendo momentos de acasalamento, diante da indiferenciação de si e do grupo, gerando a perda da identidade individual, o elo emocional entre os membros do grupo torna-se inevitável^{10,11}.

Maré¹¹ destaca ainda que esta fase promove particularidades das comunicações interpessoais que ocorrem no interior do grupo, pois elas ocorrem tanto entre os participantes, como também entre os participantes e o coordenador, o que permite troca e *feedback*. O processo de comunicação deve fluir de forma transparente e sem ambigüidade para que os participantes consigam se ouvir e compartilhar seus afetos. A intercomunicação funciona como se fosse um *detonador* de outras manifestações que se desvelam na dimensão transpessoal.

A essa cadeia de comunicações, Foulkes¹⁹ chamou de *associação de grupo* cuja idéia é a de que o

grupo e o indivíduo tratam as questões presentes no contexto grupal de modo particular. Assim,

[...] o que é consciente para um indivíduo pode não ser para todos os outros e vice-versa, o que é reprimido num pode ser manifestadamente obvio para os outros, etc. É precisamente essa transferência de informação intrapessoal individual e da comunicação interpessoal para um diálogo transpessoal que constitui o potencial terapêutico da terapia de grupo^{11:187}.

A ajuda do coordenador ao grupo nesse momento é para tornar clara a comunicação presente, sendo essa sua grande contribuição ao grupo, pois este tem a responsabilidade de manter-se no papel de quem não pode e nem deve sentir-se compelido a manipular os outros seres humanos, pelo simples fato de que, nesse processo, o seu papel é o de se colocar na posição de mediador da busca das reais possibilidades de mudança, cujas metas sejam desejadas e definidas pelos membros do grupo^{8,10,14}.

Conteúdo

A partir desse ponto, podemos dizer que toda comunicação presente no grupo deve ser considerada pelo coordenador, o que pode ser caracterizado como conteúdo do grupo que é um fenômeno continuamente mutável, composto por todo tipo de comunicação e acontecimentos que possam ser observados. O conteúdo do grupo ou informação mostra a organização grupal chamada também de meta-estrutura do grupo. É a expressão de tudo o que não é verbal, mas que se concretiza nas metas não declaradas do grupo, refletindo sobre os papéis dos membros do grupo. É a rede transpessoal total da comunicação que é formulada pelas interações entre estrutura e processo¹¹.

O conteúdo reveste a estrutura do grupo

[...] na medida em que contém acontecimentos passados, que foi comunicado da história do grupo, tem extensões do seu passado, mas também se refere aos acontecimentos do presente e do futuro. É um microcosmo social, formando um pano de fundo mutável para as figuras de primeiro plano das outras categorias da tríade. Podia ser comparada à ordem inversa de uma produção teatral, onde o pano de fundo (a matriz) determina o palco (estrutura) e o placo determina o texto (o processo)^{11:190}.

Mas como os processos de comunicabilidade e comunicante continuam, forma-se uma rede progressiva e complexa que traz à tona significados até então latentes que se tornam a história do grupo, criando assim sua cultura através de códigos estabelecidos que atuam sobre os papéis desenvolvidos de

cada membro do grupo. O fato mais importante é que isso pode sofrer uma progressão humanizante, socializante ou maturativa, mesmo que essa transformação passe por caminhos tortuosos.

A base operacional de todos os processos mentais do grupo é estabelecida nessa rede de grupo onde “todos os processos têm lugar e assim podem ser definidas por sua significação, sua extensão no tempo e no espaço e sua intensidade”^{11:192}. Nesse contexto podem emergir fatores terapêuticos, dos quais o grupo escolhe para partilhar suas experiências, denominados como: efeito compartilhante, socializante; reação de espelho; ativação do inconsciente coletivo, efeito estimulante da situação de grupo e ainda elementos de troca e informação. A comunicação assim permite associações de discussão livre desenvolvida em sua total dimensão/extensão¹¹. Para Mailhiot¹⁸, a comunicação grupal deve ser aberta, espontânea, transparente e confiante. Só assim é possível que os participantes do grupo estabeleçam um diálogo psicológico autêntico um com o outro. Isso implica diminuir as distâncias e barreiras, os ruídos e as resistências que são oriundas do convívio grupal. Na nossa compreensão, é, finalmente, esse movimento que condiciona o desenvolvimento da matriz do grupo como uma meta-estrutura.

Nesse sentido, a função do coordenador é então de um catalisador, observador participante. Andaló⁸ nos chama a atenção de que é importante, diante desse movimento do grupo, evitar o caráter ideológico da intervenção do coordenador que impele o grupo a segui-lo ou como imitá-lo. Na realidade, a sua função deve estar atrelada à elaboração teórica dos fenômenos vivenciados e devolvê-los ao grupo de forma a ampliar a sua compreensão.

CONCLUSÃO

A apreensão da tríade que compõe a dimensão psicológica do grupo permite ao coordenador uma leitura mais consistente e aprofundada dos fenômenos presentes no seu interior, em particular na comunicação em todas as suas possibilidades. Em verdade, esse conhecimento serve ao profissional de saúde que trabalha no contexto grupal como um guia para a identificação de forças pulsantes no grupo e de sua influência na dinâmica e produtividade na tarefa a que ele se destina.

Ao discutir a dimensão psicológica dos grupos ancoradas na contribuição de Maré¹¹ e articulada com outros teóricos, acreditamos que isso possibilita um diálogo que amplia nosso campo de visão so-

bre um tema tão importante no contexto do trabalho em saúde hoje, embora pouco explorado pelos profissionais na prática.

Independente da orientação teórico-técnica do coordenador, é fundamental que os profissionais se disponibilizem ao aprendizado do manejo grupal cada vez mais abastecidos de conhecimento técnico e interpessoal, de modo a prover as condições terapêuticas de deixar fluir o potencial do grupo humano.

Em suma, o papel do coordenador de grupo perpassa por respeitar os valores, a cultura, as experiências de cada membro e ter preocupação legítima com as pessoas na dimensão socio-histórico-cultural. Questões essas que refletem no grupo e que deveriam constar do processo de aprendizado de todo profissional da área da saúde.

A situação de grupo pode desenvolver efeitos surpreendentes no contexto social quando bem orientada e tratada com responsabilidade, podendo se constituir em uma “espécie de transferência arcaica coletiva, que é universal, visto que ocorre em todos os grupos, em qualquer lugar”^{11:197}.

Isso nos leva a redobrar esforços no sentido de compreender o nosso real papel de coordenadores de grupo no trabalho em saúde, pois, ao tomar consciência dos movimentos presentes no interior dos grupos, mais nos distanciamos de saber tudo o que ele precisa.

É exatamente essa tomada de consciência dos que se dedicam ao estudo dos grupos o que poderá tornar nossas ações mais efetivas e consistentes. Ao nos depararmos com esse fenômeno tão essencial no terceiro milênio, mais do que nunca é preciso estudar, compreender e aprender a trabalhar com grupos. Vale destacar:

[...] aqui o preciso está tanto no sentido de necessário quanto no sentido do verso pessoano – navegar é preciso –, ou seja, de algo que cada vez se faz com mais precisão e, menos empiricamente, na medida em que se sucedem os estudos e os aportes ao entendimento dos fenômenos grupais e, conseqüentemente, do seu manejo mais adequado^{1: 9}.

Esse conhecimento é fundamental ainda, para que o coordenador tenha noção dos caminhos que precisará trilhar para o alcance dos objetivos e metas, seja na assistência, educação ou na gestão de pessoas. Finalmente, ressaltamos que a percepção dessa complexidade permite ao profissional que trabalha com esse instrumento entender que seu papel é, fundamentalmente, de catalisador das pulsões do grupo e não de ser seu dirigente que impõe idéias, limites e desejos.

REFERÊNCIAS

1. Osório LC. Grupos: teorias e práticas – acessando a era da grupalidade. Porto Alegre (RS): Artes Médicas Sul; 2000.
2. Osório LC. Psicologia grupal: uma nova disciplina para o advento de uma era. Porto Alegre(RS): Artes Médicas Sul; 2003.
3. Conselho Nacional de Educação (Br). Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Resolução CNE/CES, n.3, 07/11/2001. Brasília (DF): CNE, 2001.
4. Munari DB, Furegato ARF. Enfermagem e grupos. Goiânia(GO): AB Editora; 2003.
5. Durão MAS, Souza MCBM, Miasso AI. Grupo de acompanhamento de portadores de esquizofrenia em uso de clozapina e de seus familiares: percepção dos participantes. Rev Bras Enferm. 2005; 5: 524-28.
6. Grossmann E, Kohlrausch E. Grupo e funcionamento grupal na atividade dos enfermeiros: um conhecimento necessário. Rev Gaúcha Enferm. 2006; 1: 71-9.
7. Costa KS, Munari DB. O grupo de controle de peso no processo de educação em saúde. R Enferm UERJ. 2004; 1: 54-9.
8. Andaló CSA. O papel do coordenador de grupo. Psicologia USP. 2001; 1: 135-52.
9. Godoy MTH, Munari, DB. Análise da produção científica sobre a utilização de atividades grupais no trabalho do enfermeiro no Brasil: 1980-2003. Rev Latino-am Enfermagem. 2006; 5: 786-802.
10. Enriquez E. A organização em análise. Petrópolis (RJ): Vozes; 1997.
11. Maré PB. Perspectivas em psicoterapia de grupo. Rio de Janeiro: Imago; 1974.
12. Levin K. Dinâmica de Grupo. São Paulo: Cultrix; 1948.
13. Yalon ID, Leszcz M. Psicoterapia de grupo: teoria e prática. Porto Alegre (RS): Artmed; 2006.
14. Tubert-Oklander J, Champion-Castro GA. Grupoterapia analítica. In: Osório LC, organizador. Grupoterapia hoje. Porto Alegre (RS): Artes Médicas Sul; 1996. p. 142-61.
15. Bion WR. Experiência com grupos. São Paulo: EDUSP; 1975.
16. Corey MS, Corey G. Groups: process and practice. Belmont (CA): Thomson Brooks/Cole; 2005.
17. Napier RW, Gershenfeld MK. Groups: theory and experience. Boston (MA): Houghton Miffling Company; 2004.
18. Mailhiot GB. Dinâmica e gênese dos grupos. São Paulo: Duas Cidades; 1981.
19. Foulkes SH, Anthony SJ. Psicoterapia psicanalítica de grupo. Buenos Aires (Ar): Paidós; 1964.

CONTRIBUCIONES PARA EL ENFOQUE DE LA DIMENSIÓN PSICOLÓGICA DE LOS GRUPOS

RESUMEN: El conocimiento y el dominio del trabajo grupal se vuelven cada vez más importante para los profesionales del área de la salud, especialmente delante las directrices de las políticas de salud que privilegian ese enfoque en el cuidado humano. El propósito de este artículo de revisión fue discutir la dimensión psicológica de los grupos basados en una tríada: estructura psicosocial, proceso de comunicación y contenido. Eso ejercicio permitió una mirada profunda para fenómenos que ocurren en el interior de los grupos humanos, de manera a identificar movimientos y indicadores para una perspectiva más exacta del coordinador delante de las necesidades de los miembros del grupo donde actuamos con frecuencia en la atención en salud.

Palabras Clave: Estructura de grupo; proceso de grupo; recurso humano en salud; enfermería.

Recebido em: 03.11.2006

Aprovado em: 06.01.2007

Notas

*Doutora em Enfermagem. Professora Titular da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. Membro Titular da Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Psicodrama e Dinâmica de Grupo – Seção Goiás (GO). Rua 28A, nº 705/apto. 602. CEP: 74075-500 – Setor Aeroporto Goiânia -GO

Email: denize@fen.ufg.br

**Psicóloga. Didata da Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Psicodrama e Dinâmica de Grupo – Seção Brasília (DF).

***Psicóloga. Didata da Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Psicodrama e Dinâmica de Grupo – Seção Goiás (GO). Professora Convidada do Departamento de Psicologia da Universidade Católica de Goiás (UCG). Professora da Faculdade Cambury. Mestranda em Psicologia Social pela UCG.

****Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Adjunto da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás.